

The background of the cover is a reproduction of Michelangelo's 'The Creation of Adam'. A solid red horizontal band is superimposed over the middle of the image, passing between the two hands. The top portion of the image, showing the cracked, greyish-blue stone wall, is visible above the red band. The bottom portion, showing the golden-brown, textured ground, is visible below the red band.

Um diabo

no jardim

Osvaldo Andrade

Crítica literária

Um diabo no jardim

A introdução do conto "Um diabo no jardim" aborda a constante busca da humanidade por sua origem, que levou à criação de diversas crenças e teorias. E que a ciência não oferece uma resposta satisfatória para a questão da origem, levantando a reflexão sobre o que é a Verdade.

O mundo sempre buscou a verdade da criação humana, porém as diversas escrituras e versões encontradas (do sagrado ao profano) são cheias de contradições e não satisfazem a angústia humana. Talvez a verdade não tenha sido contada até agora.

O conto, estruturado em dezesseis capítulos, apresenta uma rica releitura moderna e de ficção científica do mito bíblico da Criação e da Queda (Gênesis). Ele subverte a narrativa clássica ao transformar a divindade em engenheiros cósmicos ("construtores") e o Jardim do Éden em um laboratório ("parque") sob controle científico.

O conto desmistifica a criação divina. O mundo é um "parque" (Cap. III), uma "máquina biológica" (Cap. VIII) meticulosamente projetada para ser o lar

de uma espécie avançada. A criação é um processo de tentativa e erro, com formatação climática, calibração de insetos e até extinção (répteis/dinossauros) via vírus (Cap. XI).

Na narrativa bíblica, a Queda é causada pelo fruto do conhecimento. Aqui, o conhecimento (dado pelo Mestre) é o único caminho para a liberdade e a dignidade de Árum. A "Queda" é imposta pelos Líderes como castigo ao Mestre por ter tentado elevar o homem.

O tema mais sombrio é a função final da humanidade: servir de hospedeiro ou "máquina" (Cap. XIV) para os seres de plasma (Líderes/Construtores) que não têm matéria. O homem foi projetado com obediência cega para o trabalho braçal e para ser controlado.

A tensão se dá entre o Líder (o poder estabelecido, que exige a escravidão) e o Mestre (a figura paterna/mentor, que tenta redimir-se do seu próprio trauma de ser "roubado da ninhada" - Cap. VII) ao tentar libertar seu "filho" Árum.

O Mestre, que deu o conhecimento libertador, sofre o castigo de ser transformado na figura da Serpente do Gênesis: condenado a rastejar nas profundezas e ser repugnado pelos humanos (Cap. XVI).

Árum (Adão Arquetípico): Não é um homem tolo, mas um espécime de alta adaptabilidade e curiosidade. Ele evolui de um "macaco da savana" para um

guerreiro (Cap. XIV) com raciocínio lógico, consciente de sua própria existência e destino. Ele é o Homo Sapiens em seu despertar.

A Fêmea (Eva Arquetípica): Representa a intuição e a astúcia. Ela não é a tentadora, mas a cúmplice ativa do despertar, responsável pelo roubo do objeto (Cap. VII), que inicia o conflito. Sua gravidez sela o sucesso do projeto do Mestre.

O Mestre (Prometeu/Deus Redentor): É a figura trágica, um construtor de elite que trai sua própria espécie por empatia e trauma. Ele age como um Prometeu moderno, roubando o "fogo" do conhecimento para o homem. Sua punição é o exílio e a maldição.

O Líder (Deus Ciumento/Tirano): Representa a hierarquia fria, tecnológica e implacável que busca controle total. Seu medo da inteligência e da adaptabilidade humana ("Um macaco aqui? Jamais!" - Cap. X) é o motor do conflito.

O conto alterna entre um tom lírico/sensorial (descrições da natureza, o amor inocente de Árum e a fêmea) e um tom expositivo/científico (diálogos dos construtores, descrição do laboratório).

O foco narrativo é principalmente em terceira pessoa, mas se divide entre a vivência terrena e ingênua de Árum (Cap. II, IV, V) e a perspectiva distanciada e tecnológica dos construtores (Cap. III, VIII, XI, XV).

A Luz Branca Azulada/Alaranjada é símbolo da tecnologia, vigilância (o "olho que tudo vê") e da essência incorpórea dos construtores.

O Rio é símbolo de passagem, fronteira (a mudança de margem) e local de revelação e encontro.

A Chuva é um evento pós-Criação/Queda que marca uma mudança no sistema do planeta, um novo ciclo (Cap. XVI).

O conto é uma obra de ficção especulativa que utiliza a estrutura de um mito fundacional para explorar questões modernas sobre ciência, controle, liberdade e a natureza da consciência. O autor critica a ideia de uma criação perfeita e estática, sugerindo que a verdadeira humanidade só pode nascer através da rebeldia, do desenvolvimento e da busca ativa pelo conhecimento. A saga de Árum culmina não na punição, mas na investidura de uma missão: perpetuar a inteligência recém-adquirida em um mundo que agora, após o "Juízo Final" do Líder, está nas mãos dos "macacos" (a raça humana).

Autor: Osvaldo Andrade

Obra: Um diabo no jardim

Site: ocsan.net/autor

E-mail: osvaldoandradeautor@gmail.com